

As grandes apostas
de bilheteria do
cinema nacional



PÁGINA 6

Série sobre João
de Deus tem
première europeia



PÁGINA 7

Sete Cabeças
relê Rita Lee no
Manouche



PÁGINA 4

2º CADERNO

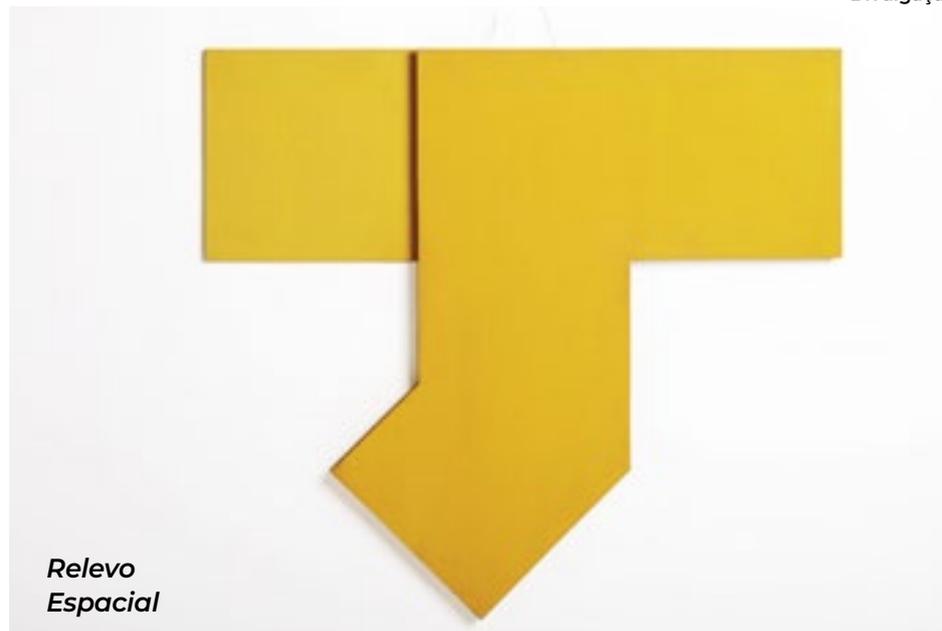
Cortesia do artista



Ícônicas para o desenvolvimento do pensamento de Oiticica, as duas obras são de grande importância. O Parangolé, inclusive, foi vestido por Caetano Veloso na época de sua criação

Edições únicas das icônicas obras “Relevo Espacial, 1959/1986” e “Parangolé P4 Capa 1, 1964/1986” voltam a ser exibidas ao público na exposição “O

Que Há de Música em Você”, na Galeria Athena. Elas foram produzidas em 1986, para a primeira exposição póstuma de Hélio Oiticica (1937 – 1980), organizada pelo Projeto HO, na época coordenado por Lygia Pape, Luciano Figueiredo e Wally Salomão, com o objetivo de arrecadar fundos para a



Relevo Espacial

Divulgação

Divulgação



Parangolé P4 Capa 1

Eternamente HÉLIO Oiticica

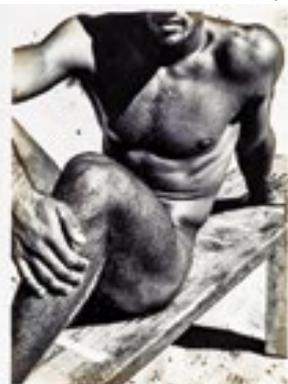
Duas obras icônicas do artista plástico voltam a ser exibidas ao público depois de 37 anos

organização, catalogação e conservação das obras e documentos deixados pelo artista. Desde então, essas obras permaneceram em uma coleção particular, e agora voltam a público, depois de 37 anos, sendo o ponto de partida para a exposição “O que há de música em você”, com curadoria de Fernanda Lopes.

Ícônicas para o desenvolvimento do pensamento de Oiticica, as duas obras são de grande importância – o Parangolé, inclusive, foi vestido por Caetano Veloso na época de sua criação. Partindo delas, e da célebre frase de Hélio Oiticica: “O que faço é música”, a exposição apresentará um

diálogo com fotografias, vídeos, objetos e performances de outros 20 artistas, entre modernos e contemporâneos, como Alexander Calder, Aluísio Carvão, Andro de Silva, Atelier Sanitário, Ayla Tavares, Celeida Tostes, Ernesto Neto, Felipe Abdala, Felipe Moraes, Flavio de Carvalho, Frederico Filippi, Gustavo Prado, Hélio Oiticica, Hugo Houayek, Leda Catunda, Manuel Messias, Marcelo Cidade, Rafael Alonso, Raquel Versieux, Sonia Andrade, Tunga e Vanderlei Lopes.

Continua na página seguinte



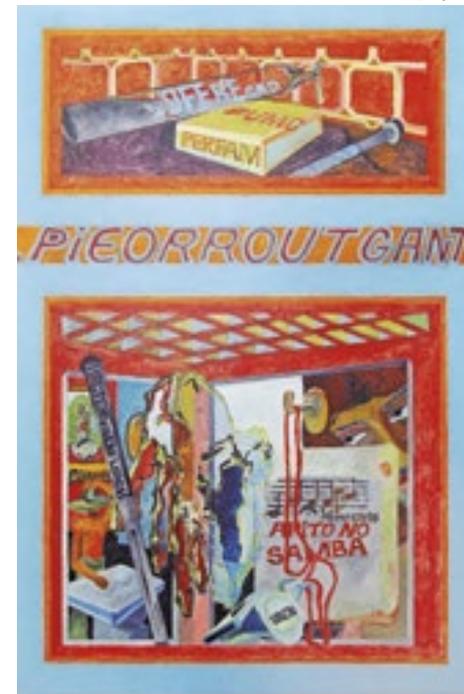
'Beach Triptych N° 25', de Alair Gomes

Divulgação



'Chorumela', de Andro da Silva

Divulgação



'Um Carnaval' (1984), de Manuel Messias

Divulgação

Legado vivo e diálogo constante

Divulgação



'Tilt' (2023), de Rafael Alonso

Divulgação



'Aquário II' (1967), de Aluísio Carvão

Eduardo Masini/Divulgação

Logo na fachada da galeria o espectador se depara com a grande obra "Chúa!!!", de Hugo Houayek, feita em lona azul, simulando uma queda d'água. Os diálogos dos artistas que compõem a exposição com o legado de Hélio Oiticica vão se dar de diversas formas, seja por um aspecto mais literal da ideia de música, de movimento, seja pela questão da cor e por discussões levantadas por Oiticica naquele momento que continuam atuais.

"A ideia geral é tentar pensar, como pano de fundo, como o Hélio traz questões da passagem para o contemporâneo que continuam sendo debatidas e que estão vivas até hoje de diferentes maneiras", afirma a curadora Fernanda Lopes.

A relação de Oiticica com o samba e com a Estação Primeira de Mangueira é bastante conhecida, mas a curadora também quer ampliar essa questão. "Quando Hélio fala



'Chúa!!!', de Hugo Houayek, está exposta na fachada da galeria

de música, ele não está se referindo só ao samba, mas também ao rock, que é o que ele vai encontrar quando chega em Nova York. Para ele, são ideias de música libertárias, pois dança-se sozinho, sem coreografia, são apostas no improviso, no delírio. A partir disso é possível fazer um paralelo com a discussão de arte, repensando seu lugar, seus limites, suas definições", afirma a curadora.

Diversas relações são criadas na exposição. Obras que fazem referência mais direta ao samba, como a pintura "Duas Mulatas" (1966), de Flávio de Carvalho, e a obra de Manuel Messias, estarão na mostra. "São referências mais literais, de artistas que tinham no samba um lugar de ação, não uma ilustração", conta a curadora.

Ampliando a questão musical, chega-se à movimentação dos corpos, sempre associado à música. Na exposição, essas relações são criadas, por exemplo, com os trabalhos de

Aloísio Carvão e Ceileida Tostes. Composto por uma caixa branca contendo círculos não uniformes, separados por tons diferentes, que vão do amarelo ao vermelho, a obra "Aquário II" (1967), de Aloísio Carvão, dialoga com o trabalho de Oiticica pela ideia de movimento. "Esta obra também tem algo rítmico ou uma possibilidade de reconhecer isso nessas peças, uma vez que depende do vento ou de outra situação que aconteça no espaço para que as peças se movimentem", diz a curadora.

Além disso, alguns trabalhos apostam ou se valem de um desconforto, que esteve presente na figura do Hélio. Por exemplo, quando ele fez exposição na White Chapel, em Londres, em 1969, muita gente adorou o fato de ele ter colocado areia de praia no chão, mas outras pessoas se incomodaram de terem que tirar o sapato. Remetendo a isso, estão os trabalhos de Andro de Silva, com palhaços chorando, uma grande pintura de Rafael Alonso, medindo 1,30X1,70, que traz uma imagem incômoda para a vista, e três vídeos de "Sem título", de Sonia Andrade, que causam apreensão – em um deles ela está com a mão aberta em uma superfície com um prego entre cada dedo, tentando não errar a direção do martelo; em outro, ela depila os pelos de partes do corpo, como da sobrancelha, e no terceiro, aperta um fio em parte do rosto.

SERVIÇO

O QUE HÁ DE MÚSICA EM VOCÊ
Galeria Athena (Rua Estácio Coimbra, 50 - Botafogo)
Até 10/11, de terça a sexta-feira (11h às 19h) e sábados (12h às 17h)
Entrada franca

Divulgação



'Transição' (2023), de Rafael Bqueer

Divulgação



'Pescaria' (2022), de Carmézia Emiliano

Divulgação



'Sem título' (2023), de Luciana Maas

Quatro galerias de São Paulo e Belo Horizonte – Central Galeria, Marli Matsumoto Arte Contemporânea, Mitre Galeria e Projeto Vênus – se unem em um projeto inédito e autônomo, que apresentará até o dia 18 uma grande mostra no Tropic alpão, na Glória. Serão mais de 60 obras, de 20 artistas brasileiros, entre pinturas, objetos e instalações. Paralelamente, também será apresentada a exposição individual Incorporama, da artista e educadora francesa Dominique Gonzalez-Foerster.

“Esperamos, com esta iniciativa inédita, colaborar com o enriquecimento da vibrante cena artística carioca”, dizem os galeristas, que ocuparão três dos quatro andares do Tropic alpão, com trabalhos de artistas representados e convidados, sendo muitos deles expostos pela primeira vez no Rio.

As galerias somarão seus programas e as obras serão expostas por meio de núcleos temáticos e estéticos. Com isso, o público terá a oportunidade de conhecer e interagir com produções de Adriana Coppio, Carmézia Emiliano, Elvis Almeida, Isa do Rosário, Juan Casemiro, Lourival Cuquinha, Luana Vitra, Luciana Maas, Nilda Neves, Raphaela Melsohn, Yan Copelli, Wallace Pato, entre outros.

Além disso, a mostra também terá a participação do coletivo ainda. brasil – que apresentará, pela primeira vez, múltiplos produzidos em colaboração com artistas como Rafael Alonso, Gokula Stoffel e Tiago Carneiro da Cunha, e uma publicação inédita do artista Yan Copelli – e

A união faz a arte

Galerias de São Paulo e Minas se mobilizam em projeto inédito no Rio

Divulgação



'O X da Questão' (2021), de Lourival Cuquinha



'Buraco II' (2022), de Juan Casemiro

Divulgação



'Lola Montez', de Dominique Gonzalez-Foerster

do Atelier Xakra, conduzido pelos artistas Benedikt Wiertz e Joseane Jorge, que situa-se numa área rural ao pé da Serra da Moeda, em Minas Gerais, cuja matéria de trabalho é a cerâmica e o alimento. Em parceria com o cozinheiro Bruno Araujo, eles apresentarão o BISTRÓPICA, um restaurante com experimentações culinárias, oferecendo produtos de fermentação natural como pães, chucrutes, kimchis e outras delícias produzidas a partir de ingredientes locais e sazonais.

Paralelamente à exposição coletiva Show!, a artista e educadora Dominique Gonzalez-Foerster apresentará a individual Incorporama, com curadoria de Pablo León de la Barra, que ocupará todo o segundo andar do Tropic alpão. A mostra apresenta um panorama de corpos em miniatura traduzidos e adaptados do ciclo das aparições (2012 - 2023), encarnações de personagens reais ou fictícios que inspiram e emocionam a artista, como Lola Montez, Fitzcarraldo, Ludwig II, Helen Frankenthaler, Marilyn Monroe, entre outros. “Os personagens circulam em diferentes estados e aparências. Um personagem se torna imagem, se torna aparição, se torna imagem de novo e, finalmente, chega em um novo corpo-figura”, explica a artista.

SERVIÇO

SHOW! e INCORPORAMA Tropic alpão (Rua Benjamin Constant, 118 – Glória) Até 18/9, às terças (14h às 22h), quartas (11h às 21h), quinta a sábado (12h às 21h) e domingos e segundas (12h às 18h) | Entrada franca

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Gregório Duvivier. ator, roteirista e escritor

Gregório Duvivier participa do Clube de Leitura CCBB

Celebrado por ser um comediante irreverente, ator do canal Porta dos Fundos, roteirista premiado e apresentador do Greg News, Gregório Duvivier levará seu lado escritor, poeta, cronista, pensador para a edição de setembro do Clube de Leitura CCBB 2023, nesta quarta-feira (13), às 17h30, no Centro Cultural Banco do Brasil Rio

de Janeiro.

O público escolheu, numa votação aberta pelo CCBB-Rio, o livro “Crônicas Para Ler em Qualquer Lugar para o Encontro”. Segundo Suzana Vargas, curadora do Clube de Leitura e mediadora de seus encontros, os livros de Gregório são ofuscados por sua fascinante carreira como humorista e roteirista.

Legado de pai

João Guilherme Silva, filho de Faustão, manterá o legado do pai na comunicação. Ele assinou contrato com a Band para comandar um programa nas tardes de sábado na grade da emissora onde seu pai estreou como apresentador.

Casa reaberta

Muito popular no início dos anos 2000 e 2010, a casa de shows Olimpo, na Penha Circular, retomou suas atividades no último fim de semana após oito anos fechada. A noite de reestreia, focada no pagode, foi comandada pelo cantor Belo.

Não quero ser Gal

Marina Sena rebateu as críticas após se apresentar no The Town. A cantora fez um show em homenagem a Gal Costa e foi comparada à artista baiana. “Sou uma das tantas filhas de Gal”, escreveu, mas garantiu que não ser a nova Gal.

Fura-greve

Drew Barrymore se tornou alvo de intensas críticas de colegas de profissão após anunciar o lançamento de uma nova temporada de seu talk show durante a Greve de Hollywood. No Instagram, a atriz fez uma postagem sustentando a escolha.



Charles Gavin (ao centro) e seus companheiros de palco no projeto Sete Cabeças

Sete Cabeças e várias ideias musicais

Projeto liderado pelo eterno titã Charles Gavin apresenta-se nesta quarta no Manouche

Depois de apresentações arrebatadoras, com casa cheia e aplausos do público, o Sete Cabeças, projeto de Charles Gavin, está de volta ao Manouche com o show “Revisitando Acústicos: Rita Lee e Titãs” nesta quarta-feira (13). O projeto retorna em hora significativa, após a morte de Rita e o retorno de Gavin aos Titãs para a turnê de despedida que tem lotado os shows por todo o país.

A ideia do Sete Cabeças surgiu no início de 2022, antes desses acontecimentos, quando os shows começavam a retomar suas atividades. “Senti vontade de resgatar um repertório que proporcionasse momentos de leveza, alegria e felicidade. Diante disso, a lembrança dos Acústicos MTV se fez mais presente do que nunca. Na sequência, pensei em Luiz Brasil e no in-

crível ‘Acústico de Cassia Eller’, um álbum fantástico, produzido por ele e Nando Reis”, conta o baterista Gavin.

Daí veio a criação de um coletivo diversificado, com músicos de diferentes linhagens do cenário carioca, capaz de interpretar com personalidade, canções que habitam nossa memória afetiva, preservando, na medida do possível, as inescutíveis releituras das históricas gravações dos Acústicos MTV. Tal missão — reproduzir a sonoridade dessas releituras — determinou o perfil do coletivo, batizado com o nome de Sete Cabeças.

“Convocamos Cris Caffarelli para os teclados, violão e vocais, Daniela Spielmann para os sopros, Pedro Coelho para o baixo e vocais, Felipe Ventura para o violino, guitarra e violão. Em seguida escolhemos os Acústicos de Rita Lee e Ti-

tãs, gravados respectivamente em 1998 e 1997, para o repertório do show. Luiz Brasil se encarregou das adaptações dos arranjos originais. Encontrar quem pudesse cantar este repertório com a devida legitimidade não foi uma tarefa fácil, demoramos meses. Porém o amigo e produtor Felipe Rodarte nos ajudou, indicando Drenna com quem trabalha em suas produções. Ela chegou e, rapidamente, pegou as canções de primeira, com muita propriedade, completando o septeto — daí o nome Sete Cabeças”, detalha Gavin.

O repertório traz 16 canções sendo que quinze estão presentes nos discos citados por Gavin, que também é pesquisador musical, e uma delas, “Mamãe Natureza”, foi incluída por sua relevância na obra de Rita Lee Jones. É interessante observar que os Titãs participaram do Acústico Rita Lee, cantando “Papai, Me Empresta o Carro”. E Rita e Roberto de Carvalho gravaram uma versão de “Televisão” em estúdio, lançada no Acústico dos Titãs.

SERVIÇO

SETE CABEÇAS

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 - subsolo da Casa Camolese)

13/9, às 21h

Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70

(meia solidária, mediante 1kg de alimento não perecível para doação)

De Recife para o mundo

Relato afetivo de Kleber Mendonça Filho sobre a capital pernambucana, 'Retratos Fantasmas' disputará um lugar ao sol no Oscar 2024

Por Affonso Nunes

“Retratos Fantasmas”, do pernambucano Kleber Mendonça Filho, foi o filme escolhido para representar o Brasil na disputa por uma vaga na categoria de Melhor Filme Internacional na 96ª premiação do Oscar 2024. O anúncio foi feito pela Academia Brasileira de Cinema e Artes Audiovisuais.

O documentário de Mendonça Filho – um dos mais respeitados diretores brasileiros

da atualidade - superou a disputa com outros 27 longas e passou para o segundo turno do processo decisório com “Estranho Caminho”, de Guto Parente; “Noites Alienígenas”, de Sérgio de Carvalho; “Nosso Sonho - A História de Claudinho e Buchecha”; de Eduardo Albergaria; “Pedágio”, de Carolina Markowicz; e “Urubus”, de Claudio Borrelli.

Documentários não são muito comuns na categoria de filme estrangeiro, mas antes mesmo de saber a decisão da Academia Brasileira de Cinema, ocorrida no início da tarde desta terça-feira (12), o diretor já tinha uma



'Retratos Fantasmas' tenta a sorte na categoria Melhor Filme Internacional

estratégia de lançamento do filme nos Estados Unidos, uma isca para poder chamar a atenção de Hollywood. A distribuidora escolhida contratou uma empresa especialista em marketing para o Oscar - a mesma que desenvolveu a divulgação de “Parasita” e “Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo”, produções sul-coreanas que ficaram com a cobiçada estatueta.

Já em cartaz no circuito exibidor brasileiro, “Retratos Fantasmas” é um relato muito

peçoal de Mendonça Filho sobre uma Recife anterior aos arranha-céus, à violência e, principalmente, à decadência dos cinemas de rua.

O cineasta vai de sua casa, no bairro de Setúbal à região central da capital pernambucana, onde recorre a imagens de arquivo para lembrar esse período. Com a passagem do tempo, as ruínas dos grandes cinemas revelam algumas verdades sobre a vida em sociedade.

O Acre brilha à luz dos Kikitos

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Iniciado em 1973 com a consagração de “Toda Nudez Será Castigada”, o Festival de Gramado tem o papel de referendar estéticas, servir de vitrines para lutas políticas (como se viu este ano com a vitória de “Mussum, o Filmi”, um afetivo tratado anirracista) e de revelar expressões de verve autoral do Brasil adentro. Foi o que aconteceu em 2022 quando “Noites Alienígenas”, um thriller social de CEP acreano ganhou o Kikito de Melhor Filme.

Presente na grade da Netflix, com destaque, o filme é a única expressão do Acre no terreno dos longas-metragens de ficção a ter ultrapassado as fronteiras de seu estado. Nesta quinta-feira, às 18h, a produção poderá ser vista na telona do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ) numa retrospectiva itinerante do garimpo gramadense. O evento começa hoje, às 18h, com a projeção de “Ferroagem”, de Aly Muritiba. Na sexta tem “Carro Rei” (2021), de Renata Pinheiro, às 17h. Sábado tem “Pacarrete” (2019), de Allan Deberton. O fecho, no domingo, vai ser “King



Jovens de Rio Branco lidam com ecos do tráfico em 'Noites Alienígenas'

Kong em Asunción”, de Camilo Cavalcante.

Eletrizante, “Noites Alienígenas” foi um dos seis finalistas da comissão responsável pela escolha do representante brasileiro na luta por vaga no Oscar 2024. A produção marca a entrada do Acre no circuito exibidor comercial apoiado numa engenharia sonora acachapante, engatilhada desde a captação feita por Pedro Sá Earp. É pelo som que esse tenso thriller social nos leva numa viagem sensorial por uma Rio Branco, cindida entre o cosmopolitismo e as tradições indígenas

milenarios, onde o exotismo é sabiamente driblado na direção de Sérgio de Carvalho. Percebem-se em cena traços identitários regionais fortes, sem que se abra mão de uma mirada universal. As incongruências do dia a dia de Rivelino (o impecável Gabriel Knoxx), Sandra (Gleici Damasceno) e Paulo (Adanilo), seus três jovens protagonistas, não são distintas da seca assistencial da juventude das “quebradas” de SP ou do Morro do Adeus, no RJ. Mas a identificação em âmbito nacional que o roteiro (escrito pelo cineasta com

Camilo Cavalcante e Rodolfo Minari) gera é a porta de entrada para uma imersão em especificidades locais. Inclua aí cenas rituais dos povos originários – valorizados na montagem eletrizante de André Sampaio – e a discussão sobre a vinda de criminosos do Sudeste, que, em processo de migração, encheram a capital acreana de drogas e desajustes.

Com ares de maluco beleza, impecável na hora de tocar Raul, Alê (um Chico Diaz nas raías do sublime) é um dos sintomas dessa migração desastrosa. Ele mantém Rivelino próximo da contravenção, mesmo sempre alertando o rapaz de que é preciso abrir as portas da percepção. Não se dá com os demais traficantes locais por agir de um jeito brando. Essa brandura facilita (#sqn) a vida de Paulo, rapaz indígena consumido pela droga, que alucina com seres da mata, sem dar atenção ao filho que teve com Sandra (Gleici). Atento à força feminina desse Acre de asperezas e de resiliências, Sérgio de Carvalho no dá uma figura preciosa, Beatriz (Joana Gatis, numa performance de sufocar), mãe de Riva, que afoga seus fantasmas no carimbó sem saber como se preparar para a descida aos infernos que o desemprego social brasileiro lhe reserva.

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Com o Festival do Rio 2023 (5 a 15 de outubro) já aí na porta, com 91 títulos em seu cardápio nacional, o cinema brasileiro terá muito para mostrar na maratona cinéfila carioca, porém, tem coisa boa agendada para estreiar antes e depois. “Mussum, o Filmis”, ganhador do troféu Kikito de Melhor Filme em Gramado, é o título mais esperado do segundo semestre deste ano em que as bilheterias de longas-metragens brasileiros foram a nocaute, carentes de cota de tela à altura de nossa produção.

Prevista para estreiar no dia 2 de novembro, a biopic do eterno Trapalhão e ás dos Originais do Samba, com Sílvio Guindane à direção, é uma aposta quente no bonde de atrações brazucas nas próximas semanas. A de maior fervura, também de verve é “Nosso Sonho: A História de Claudinho de Buchecha”, de Eduardo Albergaria, que estreia dia 21, centrado em dois ícones do funk romântico.

Lucas Penteado e Juan Paiva dão vida a uma narrativa de amor e amizade que se estrutura a partir da música, numa narrativa de superação. Albergaria é produtor e cineasta, conhecido do circuito exibidor pelo delicado “Happy Hour: Verdades e Consequências”, de 2018.

Na semana seguinte, a genial atriz Isabel Zuaa entra em cena com um conto mitológico sobre a (de) formação da equidade de gênero na História do Ocidente: “Lilith”, de Bruno Safadi. A trama narra a luta de uma mulher contra a opressão do sexismo. No mesmo dia 28, estreia outro farol da afirmação da força feminina: “Pérola”, com Drica Moraes num esplendor de atuação.

É a estreia de Murilo Benício como diretor de longas de ficção, após o híbrido “Beijo no Asfalto” (2017). Quando começou a escrever o fenômeno teatral homônimo, visto por 200 mil pagantes, numa carpintaria autobiográfica estruturada em 1994, Mauro Rasi (1949-2003) foi beber da literatura. “Sinto-me um pouco como ‘Tietê’, do Jorge Amado, um pouco como a



João Atala/Divulgação

Lucas Penteado e Juan Paiva dão vida a uma narrativa de amor e amizade que se estrutura a partir da música em ‘Nosso Sonho’

Divulgação

À espera do milhão

Em luta para ampliar sua cota de tela em circuito, cinema brasileiro prepara uma leva de longas para disputar a atenção das plateias

Desiree do Valle/Divulgação



Ailton Graça interpreta Mussum no premiado filme de Sílvio Guindane

velha senhora”, dizia o dramaturgo, homenageado pelo Tenório de “Pantanal”, em seu segundo trabalho como cineasta. Pérola (Drica) é a matriarca de uma família que reflete o passado de Rasi, em Bauru. Ganhou os primeiros de melhor atriz e melhor roteiro no Fest Aruanda, em dezembro passado.

Nos Dia das Crianças, 12 de outubro, chegam dois potenciais

hits. Um deles é “Uma Fada Veio Me Visitar”, com Xuxa no papel de um ser encantado que ajuda uma jovem a se sociabilizar. O outro é “Meu Nome É Gal”, com Sophie Charlotte no papel da cantora. Em 2 de novembro, a bola da vez será Larissa Manoela, que está à frente do esperado “Tá Escrito”, de Matheus Souza. Já em 15/11, Lázaro Ramos vai desfilhar todo o seu caris-



Drica Moraes estrela ‘Pérola’, estreia de Murilo Benício em longas de ficção

ma em cena à frente de “Ó Paí ò 2”, novamente sob a direção de Monique Gardenberg.

Também são esperados para novembro “Aumenta Que É Rock’n’roll”, sobre a lendária rádio Fluminense FM, e “As Aventuras de Poliana”. Já para 25 de dezembro, a aposta de Natal do país será “Os Farofeiros 2 Por que não trazer de volta uma das neochanchadas mais rentáveis da década passada, vista por cerca de 3 milhões de pagantes, em 2018? Cacau Protásio, Aline Campos, Danielle Winitis e Elisa Pinheiro retornam como a esquadra de mulheres unidas na sororidade e na fidelidade a maridos um tanto abilolados. Desta vez, tais esposos, os colegas de trabalho Alexandre (Antônio Fragoso), Lima (Maurício Manfrini), Rocha (Charles Paraventi) e Diguinho (Nilton Bicudo), acompanhados novamente das suas famílias, vão encarar uma nova roubada: Eles foram presenteados pela empresa com uma via-

gem para a Bahia. Os problemas e imprevistos colocam essa galera em situações hilárias, mas vão levar por água abaixo a viagem dos sonhos na Bahia.

Para 2024, um dos filmes brasileiros que se candidatam a sucesso é “Estômago 2 – O Poderoso Chef”. Com ele, o sempre inquietante Marcos Jorge (de “Mundo Cão”) volta aos cinemas depois de brilhar no streaming com uma série sobre Celso Daniel. Rodado parte no Brasil, parte na Itália, esta comédia mafiosa resgata personagens do filme de cult de 2007, premiado mundialmente. Essa “parte dois” acompanha as aventuras do ex-presidiário Raimundo Nonato (João Miguel) na Europa, numa família de gângsters, para a qual vai trabalhar como chef. Aos poucos, sua presença para além da cozinha. Agora, podem brotar alguns milhares de ingressos, quiçá até um milhãozinho, também de “Malandro – O Errado Que Deu Certo” e “Nosso Lar 2 – Os Mensageiros”.

Abusos em nome da FÉ

Série sobre o médium João de Deus terá première mundial em evento da indústria audiovisual ibero-americana

“João Sem Deus - A Queda de Abadiânia”, nova série dirigida por Marina Person, terá première mundial em um dos maiores encontros da indústria audiovisual ibero-americana, o Iberseries & Platino Indústria. É a primeira vez que o evento seleciona produções brasileiras para serem exibidas. As atividades acontecem em Madri, de 3 a 6 de outubro. Com o apoio do Projeto Paradiso, a diretora e a produtora Paula Cosenza estarão presentes no evento espanhol. A série se destaca como a primeira série de coprodução internacional independente entre Brasil e Portugal, trabalho assinado pela Ventre Studio, Canal Brasil, Coral Europa e TVI.

A narrativa ficcional, inspirada em eventos reais, foi escrita por Patrícia Corso e Leonardo Moreira, com a colaboração de Giuliano Cedroni e Luiz Filipe Nôe. Estrelada por Marco Nanini, Bianca Comparato, Karine Teles, Antonio Saboia, e as atrizes portuguesas Ana Sofia Martins e Dalila Carmo, a produção estreia no Canal Brasil dia 13 de outubro e os episódios ficam disponíveis no Globoplay na mesma data.

A série conta a história de duas irmãs que chegaram em Abadiânia 17 anos antes da prisão de João de Deus. Uma delas fica traumatizada com os abusos e violações sofridas, enquanto a outra vira uma fiel funcionária do médium. A trama se desenrola durante o reencontro das duas, que culmina em um surpreendente plot twist.

“As três protagonistas representam as mulheres reais que começaram o escândalo: Carmem representa a fé nos poderes de cura

de João de Deus, Cecília representa as vítimas de abuso e Ariane (filha da Carmem) faz o papel de uma menina que só percebe que foi abusada após a fala de outras mulheres”, explica Marina Person.

Nanini é o antagonista da trama: “O convite me fez mergulhar na história que inspira a série. Foi um grande desafio interpretar essa personagem, mas o roteiro excelente, uma diretora talentosa, uma produção cuidadosa e um grupo de atores que admiro”, afirma o ator.

Bianca Comparato vive Carmem, a irmã que acredita nos poderes do médium: “O que me atraiu nesse projeto foi a abordagem para contar a história da queda de João de Deus, mas pela perspectiva feminina. Até o começo da série, a minha personagem, está cega em relação aos relatos de abusos, mas, aos poucos, vai entendendo o monstro que está ao seu lado. Ela chega a se perguntar a quem ela foi devota por todo esse tempo, a Deus ou ao Diabo”.

Karine Teles interpreta Cecília, a irmã que sofre abuso sexual: “Precisamos falar sobre abuso de poder, mentiras e ganância, mais do que nunca. Essa história é próxima da gente aqui no Brasil, mas é tristemente universal. Aceitei participar desse projeto delicado e difícil porque acredito no poder restaurador da arte. Espero que chegue nas pessoas e provoque reflexões”.

Antonio Saboia também compõe o elenco, na pele de Lindinho, braço direito do médium. “O projeto me seduziu por ter um roteiro forte sobre a escuridão dos nossos falsos profetas. Lindinho é um papel totalmente diferente do que já fiz antes, foi um desafio e tanto”.

A produção de “João Sem Deus - A Queda de Abadiânia” tem predominância feminina na equipe, principalmente nas posições de liderança, nas quais as decisões criativas e executivas foram tomadas por mulheres.



Marco Nanini dá vida ao médium acusado por vários crimes de abuso sexual

Além da direção de Marina Person, também se destacam por trás das câmeras a direção de fotografia, assinada por Janice D’Ávila, e a direção de arte, por Fernanda Carlucci. O projeto também contou com o acompanhamento da Bem Querir Mulher, iniciativa de acolhimento integral a mulheres que sofrem violência no Brasil, para a leitura sensível dos roteiros e apoio presencial no set durante as filmagens das cenas mais delicadas.

“Sou sobrevivente de abuso sexual, então esse tema me toca muito. Tivemos um cuidado e sensibilidade enormes na sala de roteiro por se tratar de vidas reais dessas mulheres, traumas que ainda não cicatrizaram para elas. Um desafio grande foi ter empatia com as mulheres que estavam ao lado do João, tra-

balhando dentro da Casa. Mas sempre acreditamos que o ponto de vista delas merecia ser contado e honrado. Elas também foram vítimas em muitos níveis”, pontua Patrícia Corso, roteirista e criadora da série.

“A trama nunca é contada sob o ponto de vista do abusador, mas das sobreviventes que enfrentaram a rede de proteção e o silenciamento que permitiu que esses abusos continuassem por tanto tempo. É uma história, infelizmente, ainda muito relevante no Brasil – tanto pela perigosa associação entre fé e política, quanto pela cada vez mais frequente utilização de discursos morais e religiosos para acobertar estupros, misoginia, usurpação financeira e exploração sexual”, afirma Leo Moreira, cocriador da série.

30 ANOS DE HISTÓRIA:

Líder na região que mais cresce e consome no Brasil!



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA!

Toda semana uma edição nova para você

Procure nossos totens nos principais shoppings, supermercados e galerias da Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Vargens,, Jacarepaguá e São Conrado.



REDES SOCIAIS

@jornaldabarra

jornaldabarra.com.br

